

Entre projetos e *espaços habitados*: sociabilidades intelectuais, ciências humanas e a Universidade Federal de Santa Catarina (décadas de 1960-2000)

Karla Simone Willemann Schütz*

Introdução

Durante as décadas de 1960 e 1970, a capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis, foi testemunha de um intenso processo de urbanização que ressignificou as relações sociais e as expectativas em relação ao futuro que tinham seus habitantes (Lohn, 2016). Fruto de projetos políticos estaduais que envolviam planos e discursos de modernização para o estado nos mais diversos âmbitos, tais mudanças apontam também para a institucionalização da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 18 de dezembro de 1960,¹ e a transferência do *campus* desta instituição, deliberada em 1962. Eram partícipes desse projeto inúmeros intelectuais catarinenses, muitos deles vinculados a instituições como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) e a Academia Catarinense de Letras (ACL). Além disso, posteriormente, alguns dentre esses

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) na linha de pesquisa Culturas Políticas e Sociabilidades. Possui graduação (licenciatura e bacharelado) em História (2013) e mestrado (2015) pela UDESC. Tem experiência no campo da História Oral, com ênfase em pesquisas que pensam a trajetória deste campo em Santa Catarina. Recentemente, realiza pesquisa de doutorado acerca da trajetória intelectual do historiador catarinense Carlos Humberto Pedernêiras Corrêa, com período sanduíche realizado na *University of New Mexico* (UNM) financiado pela CAPES. Atualmente é bolsista CAPES-DS. E-mail: karlawunschütz@gmail.com.

¹ Sancionada pelo então Presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira, em 18 de dezembro de 1960, a Lei nº 3.849 federalizava a Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN) e criava a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

também fariam parte dos quadros docentes e de funcionários da universidade.

No que tange à formação dos cursos universitários de disciplinas vinculadas a áreas das ciências humanas, como História, Geografia e Letras, são percebidas as presenças constantes de alguns personagens que tinham também trânsito livre em esferas do poder político catarinense. Aqui, portanto, a pesquisa se vale de um recorte do conjunto de intelectuais que atuaram em Santa Catarina e que formavam um grupo “composto por especialistas no processo de criação e transmissão cultural, que desperta[ra]m a atenção dos envolvidos com o ‘círculo do poder político’ por suas capacidades de interpretar a realidade social e produzir ‘visões de mundo’” (Gomes, 2013, p. 39).

Entendendo a formação do recém-inaugurado *campus* universitário como um novo *locus* no qual esses homens poderiam atuar, o presente artigo tenta compreender de que maneira as novas formas de sociabilidade estabelecidas na UFSC poderiam se articular à consolidação dos laços e à promoção de projetos que esses personagens tinham em comum. Para tanto, além de publicações editadas por eles em conjunto, são tomadas como fontes entrevistas de História Oral, as quais emergem como indícios relevantes para pensar a circulação de ideias, os lugares de enunciação, as trajetórias desses homens a partir de uma perspectiva relacional e a maneira pela qual estas experiências narradas por eles registram também os *espaços habitados* (Ricoeur, 2008, p. 156).

A concepção de sociabilidade, por sua vez, está pautada nos trabalhos do historiador francês Maurice Agulhon (1977; 1981; 1987; 1992), o que nos ajuda a problematizar a formação de grupos partindo de um olhar organizacional, voltando-se para os lugares, as instituições e os projetos em comum que permeiam esses conjuntos e que apontam para uma perspectiva simbólica subjacente: as redes por eles formadas. Tal visão reflete também sobre o lado sensível das tramas constituídas por um ou diversos grupos, que são atravessadas por vínculos de afeição, ou até mesmo inimizade, que podem ser compartilhados.

Ainda são raros os trabalhos historiográficos que se debruçam especificamente sobre os projetos intelectuais que tangenciam a formação da UFSC e seus porta-vozes, em especial aqueles que buscam associar a atuação concomitante de intelectuais das ciências humanas nos espaços universitários e governamentais. Em geral, um maior destaque é dado à função que tais personagens tiveram em projetos vinculados às esferas política e cultural (Garcia Júnior, 2002; Sayão, 2004) ou em instituições como IHGSC (Serpa, 1996), obliterando assim o papel que esses homens tiveram no momento de estruturação da UFSC em um novo espaço. Dentre as pesquisas que se lançaram a este empreendimento – investigar a atuação coordenada entre as esferas políticas, universitárias e institucional (vinculada ao IHGSC ou ACL, por exemplo) – está a tese de doutorado de Janice

Gonçalves. No entanto, a historiadora dedicou-se a pensar tal articulação com a formação de políticas voltadas para a institucionalização do campo arquivístico em Santa Catarina (Gonçalves, 2006), dando menor atenção aos desdobramentos advindos da própria circulação dos intelectuais entre esses diversos espaços e a reverberação desse trânsito nos projetos em comum desenvolvidos. Tal cenário de pesquisas, portanto, indica a relevância do tema, bem como apontam para os novos caminhos que podem ser trilhados a partir de diferentes abordagens.

Redes de sociabilidade e projetos que se delineiam

Os nomes agrupados no presente artigo foram pensados a partir de suas ligações com um personagem em comum: Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, historiador catarinense, professor universitário e um dos pioneiros a utilizar e divulgar a metodologia da História Oral no Brasil. (Santhiago, 2015, p. 224). Seus nomes foram reunidos primeiramente a partir do mapeamento das obras publicadas por Corrêa ao longo de sua trajetória intelectual, procurando nelas quais foram seus prefaciadores, organizadores e autores das “orelhas”.² Em um segundo momento, a busca se deu em publicações editadas por eles em conjunto.³ A partir desse segundo mapeamento, novos nomes foram emergindo no horizonte de ligações intelectuais referente a Corrêa bem como outros laços foram se manifestando de maneira mais contundente.⁴

² Obras consultadas: *Cultura, Integração e Desenvolvimento* (1971); *Quatro artistas da cerâmica* (1978); *História Oral: Teoria e Técnica* (1978); *Os governantes de Santa Catarina (1739 a 1982)* (1983); *Um Estado entre Duas Repúblicas: a Revolução de Trinta e a política em SC (1984)*; *Nereu Ramos (1988)*; *Militares e Civis num governo sem rumo: o Governo Provisório revolucionário no sul do Brasil (1893-1894)* (1990); *Lições de política e cultura: A Academia Catarinense de Letras, sua criação e relações com o poder* (1996); *História da Cultura Catarinense: O Estado e as ideias* (1997); *Santa Catarina: Quatro Séculos de História* (2000); *Diálogo com Clio: Ensaios de História Política e Cultural* (2003); *Manuel Paranhos da Silva Velloso* (2003); *História de Florianópolis Ilustrada* (2004); *Jerônimo Coelho: um liberal na formação do Império* (2006).

³ Obras consultadas: *Fundamentos da Cultura Catarinense* (1970); *As Instituições da Cultura Catarinense* (1970); *Povo e Tradição em Santa Catarina* (1971); *Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina* (1972); *A República em Santa Catarina: (1889-1900)* (1982); *Santa Catarina: sua História* (1983); *Santa Catarina no século XX: Ensaios e Memória Fotográfica* (1999); *A Realidade Catarinense no século XX* (2000); *São Francisco do Sul: muito além da viagem de Gonville* (2004); *Oswaldo Rodrigues Cabral na historiografia catarinense* (2005).

⁴ Tal opção metodológica se deu por conta do entendimento de que os processos de edição e publicação de obras se constituem movimentos nos quais é possível entrever a formulação de redes de sociabilidade (Faria Filho, 2017, p. 30). Portanto, aqui se considera que as edições e as editoras pelas quais estas obras foram lançadas são também espaços de sociabilidade intelectual onde redes são construídas, alimentadas e conservadas.

Do mesmo modo, examinaram-se revistas e outros periódicos editados pelo IHGSC e ACL, assim como documentação identificada nos arquivos do IHGSC, da ACL e da UFSC. Outros traços das trajetórias individuais dos personagens aqui cotejados foram consultados a partir de trabalhos acadêmicos que, de formas diferenciadas, já haviam proposto a investigação dos caminhos percorridos por esses sujeitos.

As entrevistas, por sua vez, foram pautadas na metodologia da História Oral⁵ e recolhidas em função do projeto de pesquisa de doutorado – ainda em andamento – *Um historiador entre-lugares: a historiografia catarinense e a trajetória do professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa (1963-2010)*, realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O projeto propõe analisar a trajetória profissional de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa e as suas redes políticas e intelectuais, portanto, os depoimentos levaram em conta as ligações que esses homens estabeleceram com Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, aliás, foram essas mesmas ligações que guiaram a escolha daqueles que seriam convidados a falar. Da mesma forma, ao longo do roteiro, foram priorizados os percursos profissionais e intelectuais dos sujeitos entrevistados.

A pesquisa conta com um espectro maior de entrevistadas e entrevistados; porém, para o presente artigo, foram selecionados apenas três depoimentos – primeiramente, porque eles foram realizados com personagens partícipes do grupo de intelectuais acima descrito que estão ainda vivos e, em segundo lugar, porque, apesar de não terem como pano de fundo especificamente a atuação deles no meio universitário, por meio de seus depoimentos foi possível entrever de que maneira essas redes de sociabilidade se desdobravam na espacialidade da UFSC. Com esse mesmo intuito, também foi analisado o depoimento cedido por Corrêa ao pesquisador Ricardo Santhiago no ano de 2010, o qual foi publicado na Revista História Oral (Santhiago, 2015).

Os personagens aqui investigados não partilhavam um campo disciplinar comum, mas coabitavam diversos espaços institucionais (IHGSC, UFSC, UDESC, ACL, etc.) e, mais importante, compartilhavam projetos intelectuais que reverberavam em outros desenvolvidos junto às instituições políticas

⁵ No que concerne aos nove depoimentos recolhidos ao longo da pesquisa de doutorado, ressalta-se que antes mesmo dos personagens entrevistados serem procurados, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (CEP) da UDESC, tendo sido aprovado. Junto à documentação enviada ao comitê foi encaminhado um roteiro de entrevista preliminar, o qual serviu para elaborar os roteiros individuais que focavam nas relações específicas que cada depoente teve com Corrêa. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, possuindo cada uma delas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelas entrevistadas e entrevistados.

catarinenses. Mas quem eram esses homens? A partir da operação do mapeamento anteriormente descrita, foi possível agrupar a seguinte rede de intelectuais: Celestino Sachet, Iaponan Soares de Araújo, Jaldyr Bhering Faustino da Silva, Jali Meirinho, Moacir Pereira, Oswaldo Rodrigues Cabral, Paulo Fernando de Araújo Lago, Silvio Coelho dos Santos, Theobaldo Costa Jamundá, Victor Antônio Peluso Júnior e Walter Fernando Piazza. Todos esses homens, com exceção de Iaponan Soares e Theobaldo Jamundá, foram professores ou funcionários das duas principais universidades do estado, a UFSC e a UDESC, alguns deles também exercendo essas funções em outras instituições universitárias em Santa Catarina.⁶

Dentre o acervo de entrevistas, foram selecionadas as de três personagens vinculados a esse grupo: Celestino Sachet,⁷ Jali Meirinho⁸ e Moacir Pereira⁹ (como afirmado anteriormente, os últimos ainda sobreviventes). Feitas em momentos e cenários diversos,¹⁰ essas entrevistas foram elementos que permitiram pensar as narrativas de rememoração envolvendo a circulação desses homens no espaço

⁶ Como exemplos podem ser citados: Jaldyr Behring Faustino da Silva, que ocupou cargos e funções junto UFSC (Professor Catedrático de História do Brasil, aposenta-se em 1984), ACL, IHGSC, Secretaria Estadual de Cultura (Secretário entre 1966 e 1971) e Comissão Catarinense de Folclore; Oswaldo Rodrigues Cabral que era membro do IHGSC e ACL, bem como, atuou junto à Faculdade Catarinense de Direito (Professor de Medicina Legal), à Faculdade Catarinense de Filosofia (Professor de Antropologia Cultural e História de Santa Catarina, Diretor), à UFSC (Professor); à Comissão Catarinense de Folclore (Secretário) e à Assembléia Legislativa (como Deputado Estadual entre 1947 e 1955, tendo sido presidente em 1954) e Silvio Coelho dos Santos que também foi membro do IHGSC e ACL, além de professor (Chefe do Departamento de Ciências Sociais, Coordenador da Pós-graduação em Ciências Sociais) e Pró-Reitor da UFSC (Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação, Pró-Reitor de Ensino), integrante da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC-SC) como Secretário Regional e presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), entre 1992 e 1994.

⁷ Nasceu na cidade de Nova Veneza (SC) no ano de 1930. Sachet é graduado em Direito e Letras. Além de professor do Departamento de Letras da UFSC, foi reitor da UDESC entre 1968 e 1974. É sócio do IHGSC e integrante da ACL, instituição da qual foi presidente em duas ocasiões: entre 1968 e 1974 e entre 1981 e 1984. Também exerceu funções junto ao Conselho Estadual de Educação, ao Conselho Estadual de Cultura (Presidente, 1968-1969) e à Secretaria dos Negócios da Casa Civil do Estado de Santa Catarina (Secretário entre 1970-1971).

⁸ Nasceu na cidade de Rio do Sul (SC) no ano de 1933. Meirinho é graduado em História tendo sido professor dos cursos de Jornalismo e de História da UFSC. Além de docente dessa instituição, foi servidor da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina entre 1959 e 1961. É sócio emérito do IHGSC e integrante da ACL. Foi coordenador da Divisão de Ciências Humanas do Departamento de Cultura de Santa Catarina e membro da Fundação Catarinense de Cultura (FCC).

⁹ Nasceu em Florianópolis (SC) em 1945. Apesar de graduado em Direito, Pereira tem sua trajetória profissional vinculada ao jornalismo. Na UFSC iniciou sua carreira na década de 1970 como auxiliar de ensino e em 1979 participou, já como docente, da formação do curso de jornalismo dessa mesma instituição, da qual se aposenta em 1995. É sócio do IHGSC e membro da ACL. Atuou como jornalista em diversos jornais e emissoras de rádio e televisão no estado de SC. Atualmente tem contrato com o Grupo ND Santa Catarina.

¹⁰ Sachet permitiu a realização da entrevista em sua residência, enquanto Meirinho sugeriu as dependências do IHGSC e Pereira escolheu uma cafeteria localizada em um shopping de Florianópolis.

da cidade de Florianópolis, em especial da UFSC. Seus relatos promoveram a inteligibilidade de acontecimentos cotidianos diversos vivenciados por esses intelectuais e, portanto, inscrevem-se como vestígios de suas experiências temporais.

Desta forma, para investigar as narrações desses entrevistados, a noção de memória coletiva conjugou-se com a de memória individual. A partir da análise desses dois elementos proposta pelo filósofo francês Paul Ricoeur, o trabalho com as entrevistas de História Oral procurou compreender o que ele entende como um mal-entendido radical, ou seja, o pressuposto de que as memórias individual e coletiva estariam em posições antagônicas. Buscando a conciliação entre esses dois elementos, Ricoeur sugere que a constituição de cada uma seria distinta, mas que se daria de maneira constantemente mútua e cruzada. Neste panorama, o filósofo observou, por exemplo, que a concepção de memória coletiva apresentada pelo sociólogo Maurice Halbwachs e os seus “quadros da memória” – “para se lembrar é preciso dos outros” – é de certa forma contraditória: o próprio ato de “se posicionar” num grupo e de se “deslocar” entre variados grupos e, em geral, o de adotar o “ponto de vista” de um grupo, não supõe uma espontaneidade capaz de dar sequência a si mesma? Caso contrário, a sociedade não teria atores sociais (Ricoeur, 2007, p. 132). Isto é, aquele que lembra também tem voz ativa, tem parte nesse processo. Mesmo sendo parcela integrante de um grupo, cada um de nós possui sua própria agência. Nessa toada, Ricoeur aponta a existência de um plano intermediário entre os polos da memória individual e coletiva, o qual ele nomeia como “os próximos”: “essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos” e que “estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros” (Ricoeur, 2007, p. 141). Nas entrevistas aqui abordadas, os “próximos” são aqueles que circulam entre essas redes de sociabilidade e que tiveram/têm com todos esses personagens acima citados diferentes formas de convivência, “numa relação dinâmica constantemente em movimento” (Ricoeur, 2007, p. 141).

Alessandro Portelli também coloca memória coletiva e individual em planos coexistentes e colaborativos. Segundo o pesquisador italiano, a memória elaborada e o ato de trazer o passado ao presente são sempre atitudes individuais e que podem ter a mediação dos diferentes grupos pelos quais circulamos. Assim, ele afirma: “Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo [...] extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática” (Portelli, 2006, p. 127). Partindo desse mesmo raciocínio, Alberti (2004, p. 16) reitera que “concebemos o mundo sempre de modo descontínuo, agrupando e relacionando conceitos, justapondo contradições e procurando resolvê-las em sínteses”.

Cotejadas com esses diferentes cenários, as entrevistas de História Oral foram relevantes no sentido de pensar algumas narrativas do cotidiano florianopolitano ou das instituições e dos locais que aqui aparecem como *locus* de sociabilidades políticas e intelectuais. Elas ainda mostraram alguns padrões de socialização e de trajetórias em sua grande maioria coincidentes entre esses personagens. Mesmo que levadas por um eixo em comum, ou melhor, por um “tema de fundo” (Alberti, 2004, p. 118) marcado pela convivência que cada um e uma teve com a figura de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, as entrevistas deixam entrever, além dos projetos intelectuais, laços de amizade e profissionais de diferentes proporções.

Entre os projetos que permitem “costurar” esses homens numa mesma trama estão aqueles que se desenvolvem, sobretudo, ao longo das décadas de 1960 e 1970 – mesmo que seus vínculos se estendam até os anos 2000 (década do falecimento de Corrêa). Ao lançar-se um olhar mais atento a tal período é possível perceber uma movimentação por parte do governo do estado no sentido de dar apoio a esses intelectuais que almejavam levar a cabo projetos políticos, educacionais e editoriais que se espalharam por Santa Catarina e tinham uma preocupação marcante com a questão identitária em termos regionais. Tais intelectuais – alguns também políticos, caso de Oswaldo Rodrigues Cabral –, recrutados a partir de campos disciplinares diferentes, mas participando de redes de sociabilidade política, afetiva e intelectuais comuns, atuaram em conjunto, por exemplo, na busca pela harmonização das diferentes características culturais por eles detectadas ao longo da extensão territorial catarinense.

Nesse cenário podem ser destacadas algumas publicações que parecem fazer parte de projetos maiores, estando vinculadas a discussões que pretendiam delinear as bases da “cultura catarinense” e os rumos a serem tomados para que se promovesse um maior desenvolvimento e integração entre os diversos espaços do estado, num momento particular, sobretudo, da capital catarinense,¹¹ local por onde circulava e de onde falava a grande maioria deles.

No que concerne às concepções e ideais compartilhados por esses intelectuais,

¹¹ Durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, o complexo administrativo do governo do estado sofreu uma grande expansão. Foram instituídas e instalaram-se em Florianópolis diversos órgãos; por exemplo, na década de 1950, estabeleceram-se as Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC). Durante a década de 1960 foi a vez do Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (BADESC), do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), do Conselho de Desenvolvimento e Integração Sul (CODESUL), do Fundo Estadual para o Desenvolvimento do Desporto de Santa Catarina (FUNDESC). Já na década de 1970, foram criados o Centro da Dinâmica de Ensino (CEDE), a Companhia de Processamento de Dados do Estado de Santa Catarina (PRODASC) e a Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (IOESC). Tais gestos, por sua vez, acabaram por contribuir para o aumento significativo no número de funcionários públicos que, vindos de diversas partes do estado e do Brasil, em sua grande maioria, instalaram-se na capital do estado. Essa situação parece ter promovido o imperativo de construir a ideia de uma identidade catarinense não “homogeneizada”, mas sim “harmonizada”.

está a questão do “catarinensismo”, uma ideia apresentada por Theobaldo da Costa Jamundá em livro lançado em 1974. A expressão “catarinensismo” apontava para o fomento de um modelo cultural que pudesse integrar a heterogeneidade étnica e cultural do estado, forjando para o homem e para a mulher catarinense uma identidade própria que os diferenciasse dos demais estados da federação em um esforço que não era novo e remetia a uma perspectiva que circulava pelo IHGSC já no fim do século XIX, momento de criação dessa instituição. Nesse discurso, o catarinense seria o resultado de uma hibridização cultural contraditória que separava, ao invés de fundir, as diferentes culturas. Essa junção denominada “catarinensismo” se caracterizava por um “processo que ebul[ia] no caldeirão do complexo da cultura catarinense” (Jamundá, 1974, p. 54) e se colocava como uma “maneira de cultivar a tradição brasileira” no “complexo de um habitat identificado no território de Santa Catarina” (Jamundá, 1974, p. 54). Neste sentido, ia se instalando a ideia de um mosaico cultural, que posicionava as diferentes culturas existentes no estado em um mesmo plano; cada microrregião estadual era um fragmento que “colado” junto a outros construía um quebra-cabeça. A partir desse raciocínio, Jamundá pretendia criar entre as culturas regionais uma relação de horizontalidade. Percebe-se nesse discurso uma política de valorização das diversas culturas que acompanhava um processo de estímulo do turismo em Santa Catarina por parte do governo estadual. Essas narrativas são inclusive muito presentes até hoje nos discursos turísticos propagados no estado, em especial, aqueles que se referem a promoção das “festas típicas” – normalmente associadas à herança da imigração europeia. A miscigenação nesse cenário é algo a ser celebrado, e principalmente, vendido.

Na relação entre as redes e as edições de obras e coleções, ou seja, os meios pelos quais esses homens divulgaram e legitimaram suas ideias, emerge ainda a obra *Fundamentos da Cultura Catarinense*, publicação derivada de curso homônimo que foi desenvolvido no estado ao longo da segunda metade do ano de 1969 e durante todo ano de 1970. Tal curso foi promovido pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, quando era coordenado por Carlos Humberto Pederneiras Corrêa (à época também professor do Departamento de História da UFSC). O curso percorreu 21 cidades do estado e, inclusive, atravessou fronteiras, sendo oferecido também na capital paranaense, Curitiba. A obra foi organizada com o objetivo de ser distribuída, no momento de conclusão, para os cerca de 15 mil participantes que atenderam ao curso.

Outro projeto que aponta para a ligação desses intelectuais e as aspirações políticas em nível estadual é a *Coleção Cultura Catarinense*. A coleção, compilação editada pelo governo de Santa Catarina, teve sua primeira obra editada em 1971: *Cultura, Integração e Desenvolvimento*, de autoria de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa. A ela se seguiram: *A Poesia de Oscar Rosas* (1972), de Iaponan Soares; *Para*

Efeitos do Desenvolvimento (1972), de Orlando Borges Schroeder; *Santos Antônio dos Anjos da Laguna* (1976), organizado por João Alfredo Rohr e Oswaldo Cabral; *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina* (1976), de Carlos da Costa Pereira; *Hercílio Luz – Governador Inconfundível* (1976), de Evaldo Pauli; *O Barco Naufragado*, de Holdemar Menezes; *Um, passageiras; Outras, Crônicas* (1976) de Julio de Queiroz; *As raízes do vento* (1976), de Osmar Pisani; *Trajeto* (1976), de Pedro Bertolino; *Curitibanos na História do Contestado* (1976), de Zélia Lemos; e *A colonização italiana em Santa Catarina* (1976), de Walter Piazza. Tais obras parecem apontar para os vínculos entre esses intelectuais tanto no que diz respeito à presença de alguns dos nomes aqui selecionados quanto em relação às temáticas por eles abordadas que, por sua vez, vão ao encontro dos projetos estaduais vinculados à “cultura” e ao “desenvolvimento” – duas palavras-chave para refletir sobre os ideais que compartilhavam esses homens e o próprio governo.

Como afirma o historiador Edgar Garcia Júnior, durante as décadas de 1960 e 1970, as práticas do governo estadual com o objetivo de “gerir” as diferenças regionais envolveram algumas estratégias de inclusão que foram concebidas por meio da ideia do “mosaico cultural catarinense”. Garcia Júnior ainda afirma que essas estratégias não estavam isoladas dentro do projeto governamental, mas estavam alinhavadas a um contexto que envolvia o desenvolvimento de uma política muito similar em outros setores da administração estadual. Essa política articulava uma lógica na qual questões como a modernização e o desenvolvimento do estado podiam ser quantificados e tratados de forma objetiva, sendo o seu resultado verificável nos índices econômicos. De acordo com esse raciocínio, o alcance de um estado “democrático” estava vinculado ao crescimento econômico do estado e a democracia seria assim um “produto natural” do desenvolvimento. Gerida como um produto a ser manufaturado por meio do desenvolvimento, a ideia de democracia trazia embutida a perspectiva do estado “como uma instância técnica, neutra, executora dos imperativos do desenvolvimento” (Garcia Júnior, 2002, p. 91).

A formação da UFSC e os debates que tangenciavam a formação de sua “cidade universitária” (Sugai, 1994) acompanhavam e faziam parte daquele momento político e intelectual da história catarinense e tiveram especial repercussão na capital do estado. Pautadas no desenvolvimento econômico, na especulação imobiliária e em novas práticas de consumo, as representações sociais que circulavam em Florianópolis, seja na ilha ou no continente, promoveram um acelerado processo de urbanização que culminou por transformar os antigos traços da cidade. Nesse ensejo, “Ganhou destaque a proposta de uma universidade, considerada um dos caminhos possível [sic] para a construção do futuro da cidade” (Lohn, 2016, p. 242) – lembrando que esse projeto já estava no horizonte de expectativa de políticos e intelectuais catarinenses antes mesmo

da década de 1960.

Quanto à vinculação desses mesmos intelectuais e políticos ao IHGSC e à ACL, Santa Catarina parece destoar do cenário nacional. Como afirma a historiadora Marieta de Moraes Ferreira, os intelectuais vinculados ao processo de criação das primeiras universidades brasileiras e também à institucionalização de diversas disciplinas “não estavam interessados em manter uma vinculação com o IHGB, ainda que fossem reconhecidas a importância de sua produção sobre o passado da nação brasileira e a dimensão dos debates de muitos de seus membros sobre a utilidade da História [...]” (Ferreira, 2013, p. 9). Vale pontuar que Ferreira fala de lugares localizados sobretudo na região sudeste do Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, naquele momento capital do país. Em Santa Catarina, esse processo parece ainda distante, pois, como se viu anteriormente, sua primeira universidade (a UFSC) se estabelece somente na década de 1960, e os personagens atrelados a esta formulação não se desvincularam de sua atuação em outras instituições (como o próprio IHGSC). No campo especificamente da disciplina histórica, pode-se mencionar os nomes de Oswaldo Rodrigues Cabral e Walter Fernando Piazza, com destaque para o primeiro, médico por formação, mas um ilustre dileitante e estudioso da história catarinense, que com força política participou ativamente não só dos debates referentes à formação e mudança de endereço da UFSC, mas foi, por exemplo, o idealizador do Instituto de Antropologia¹² vinculado ao curso de História da universidade que foi inaugurado em 1965.¹³

A ideia de conjugar a noção de sociabilidade (Aguilhon) àquela de espaços habitados (Ricoeur) perpassa o entendimento de que, como aponta o filósofo francês, “As lembranças de ter morado em tal casa de tal cidade ou de ter viajado a tal parte do mundo são particularmente eloquentes e preciosas; eles tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas” (Ricoeur, 2008, p. 157). À vista disso, as entrevistas são aqui analisadas como indícios das pontes que conectavam esses personagens e uma maior atenção é dada aos lugares por eles frequentados. A partir dessa mirada, esses locais de circulação por eles descritos parecem ser ferramentas importantes para a manutenção de vínculos anteriormente estabelecidos e para gestação e execução de projetos por eles levados a cabo.

Nesse sentido, entende-se que problematizar as sociabilidades sugere perscrutar os caminhos seguidos por determinados indivíduos – ou conjuntos e associações, procurando rastrear seus comportamentos, suas ideias, seu modo de organização, de forma que seja possível delinear e indagar as formas pelas quais

¹² Hoje Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE).

¹³ Criado por meio da Resolução nº 089, de 30 de dezembro de 1965.

eles demarcam, em conjunturas específicas – consciente ou inconscientemente –, as suas identidades como grupos e seus espaços de atuação, seus *espaços habitados*.

Encontros e afastamentos

Nos depoimentos dos três personagens acima elencados, foi possível perceber qual o papel da UFSC – no momento em que essa instituição se estabelecia – na consolidação dos “nós” dessa rede de intelectuais. Embora associada a projetos políticos maiores, a universidade como um espaço de sociabilidade concorria com outros lugares entendidos como mais “tradicionais”. Esses espaços, formados e consolidados já no fim do século XIX e início do século XX (Silva; Cunha, 2015), estavam ligados tanto ao grupo aqui abordado quanto vinculados a figuras eminentes do poder político estadual. A partir desse diagnóstico, pode-se pensar ainda sobre a inexistência de fronteiras fixas entre os diversos espaços de atuação desses homens, que circulavam com facilidade por diversos locais de produção intelectual. Os lugares de sociabilidade, a partir dessa perspectiva, são espaços “onde os intelectuais se organizam, mais ou menos, formalmente, para construir e divulgar propostas” (Gomes, 1999, p. 11).

Em relação a essas ligações, a entrevista com Celestino Sachet foi importante para entender de que maneira alguns contatos entre eles foram travados. Apesar de Sachet e Corrêa serem coetâneos, de ambos serem professores da UFSC durante período coincidente, e de terem participado de projetos em comum, como o projeto do *Fundamentos da Cultura Catarinense*, segundo Sachet a sua convivência pontual com Corrêa se deu a partir da ACL:

Na realidade, o contato que eu tive com o Carlos Humberto foi na Academia Catarinense de Letras. Lá pelas tantas eu fui escolhido para ser acadêmico e nesta Academia estava o Carlos Humberto da área de História, eu era mais da área de Letras e aí tivemos um convívio... e ele também deu aula na Faculdade de Filosofia, na área de História, me parece... [...] mas o foco central de mim com ele foi na Academia. (Celestino Sachet, 2018).

Com base nesse depoimento de Sachet, é possível depreender que os integrantes dessas redes tinham diferentes graus de aproximação e afastamento, conforme seus interesses e, claro, também encontros mais frequentes. Diferentemente da relação estabelecida com Sachet, aquela travada entre Corrêa e Jali Meirinho é a que, aos olhos dos próprios entrevistados, pareceu mais profícua e duradoura. Uma parceria que também não teria se dado a partir da universidade, mas em

esferas do serviço público estadual, como afirmou Meirinho em entrevista:

O nosso encontro, o nosso início, o início do nosso relacionamento foi um pouco antes da Universidade [UFSC]. Ele era professor e eu estava no Departamento de Cultura do Estado, e no Departamento de Cultura, ele tornou-se diretor do Museu de Arte e eu como assessor da Diretoria de Cultura [Departamento de Cultura] [...]. E teve início a nossa relação. Depois que ingressei na universidade, ele já professor, mas não chegou a ser meu professor. (Jali Meirinho, 2018).

O que aqui se quer pontuar é a inexistência de fronteiras fixas entre esses espaços, como citado antes, e o lugar aparentemente menos relevante que a universidade pareceu ocupar na trajetória de encontros desses intelectuais – em relação às suas parcerias e até mesmo acerca da formação de laços de amizade, em especial no caso de Jali Meirinho e Corrêa. A UFSC parece ter funcionado com uma extensão desses primeiros espaços habitados, cenário que parece se modificar somente a partir da chegada de novos personagens, alguns vindos de outros lugares do país e não vinculados diretamente ao IHGSC ou à ACL (em certa medida, também desprovidos de funções nos espaços e nas instituições políticas catarinenses).

A partir dessas observações é possível pensar novamente sobre os espaços habitados e, ainda, sobre a própria materialidade desses espaços e a maneira como eles ressoam na interação e na atuação de seus “habitantes”. Mais uma vez, como sugere Ricoeur (2008, p. 159), “Seja ele espaço de fixação no qual permanecer, ou espaço de circulação a percorrer, o espaço construído consiste em um sistema de sítios para as interações mais importantes da vida.” Além disso, é preciso pontuar que os espaços não são anteriores às práticas, e sim o oposto: são as práticas que atribuem significados a esses espaços (Certeau, 2009, p. 185).

Se pensarmos na longevidade dos espaços construídos pelos quais esses intelectuais circularam, supõe-se que a condição de recém-nascida da UFSC aponta também para uma fragilidade dos seus projetos e dos vínculos que dela ecoavam, ao menos assim indicam as entrevistas aqui analisadas. Desta forma, pode-se considerar que “Narrativa e construção operam um mesmo tipo de inscrição, uma na duração, a outra na dureza do material” (Ricoeur, 2008, p. 159). Quando esses homens narraram acerca de seus encontros, deixaram inscritas as suas relações, os seus projetos, aquilo que no momento da entrevista emergiu como significativo, inclusive sobre os elementos que remetem à “dureza” dos espaços construídos por onde circularam. Ou seja, entende-se que esses locais, por meio de sua espacialidade física, permitiram e deram guarida a interlocuções e projetos e, em

contrapartida, também foram “construídos” e ganharam significados a partir de diferentes trajetos e práticas que neles se abrigaram.

Nesse sentido, é importante pensar novamente sobre o lugar que ocupava a UFSC nos seus primeiros momentos. A instalação da universidade em um novo espaço, e a partir de novos pressupostos, era eco dos anseios transformadores que permeavam as representações sociais em uma Florianópolis em processo de urbanização e de uma discussão que já estava presente há algum tempo nos círculos intelectuais e políticos catarinenses. A construção da UFSC era um grande projeto, o qual demandou a mobilização de muito capital financeiro, político e intelectual. Como afirma Lohn (2016, p. 242), o orçamento da universidade, quando no início de sua instalação, equiparou-se em certos momentos ou mesmo superou os próprios recursos disponíveis para a prefeitura de Florianópolis. Nesse cenário, como também afirma o historiador, novas perspectivas de ascensão social se deram a partir dos diversos novos postos de trabalho criados. Soma-se a isso o fato de que os servidores federais naquele momento tinham remuneração salarial relativamente superior à média da população da cidade, inclusive superior à dos funcionários estaduais.

Entre os homens presentes nesse debate estava Oswaldo Rodrigues Cabral, como também afirma Lohn, “uma das figuras públicas de destaque que defendiam a instalação do campus da Trindade” (Lohn, 2016, p. 243)¹⁴ na década de 1960, uma área considerada distante do centro da capital. Cabral é mencionado na entrevista cedida por Jali Meirinho como pertencente às redes de Corrêa e, portanto, de suas próprias redes:

Ah sim! Dentro do processo de estudo da História de Santa Catarina, o Carlos Humberto teve uma afinidade muito grande – eu não, mas o Carlos Humberto – com o Oswaldo Rodrigues Cabral. A minha ligação com mestres anteriores foi com o Walter Piazza, mas todos os dois apesar das divergências que eles tiveram, Piazza e Cabral, isso não nos afetou. (Jali Meirinho, 2018)

Destaca-se nesse trecho, ainda, a presença de Piazza, um dos principais articuladores da formação, na década de 1970, do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, e também da difusão da História Oral a partir do Departamento de História e, principalmente, do Programa de Pós-Graduação (SCHÜTZ, 2015). O jornalista Moacir Pereira, também um dos “nós” dessas redes, quando questionado acerca do tipo de relação estabelecida entre ele e Corrêa nos espaços da UFSC, em seu depoimento relata uma convivência mais ativa com tal historiador nos espaços do IHGSC e da ACL:

¹⁴ Trindade é um bairro da cidade de Florianópolis.

Exatamente, na universidade foi uma relação digamos... Eu era jornalista, divulgava, era professor também. Ele era o cara da história oral, professor, historiador conhecido. Já tinha obras publicadas. Eu tive uma convivência muito forte com ele também na ACL. Que a partir da minha ida pra Academia [ACL] eu procurei frequentar todas as reuniões. (Moacir Pereira, 2019).

A partir do depoimento acima e das perspectivas presentes na noção de “nós”, pode-se elucubrar acerca dos múltiplos significados deste último termo. No presente trabalho, os “nós” podem simbolizar o momento em que as diversas linhas representadas por esses intelectuais se encontram, amarram-se e formam suas redes. Entretanto, “nós” também é um pronome pessoal que, *grosso modo*, refere-se a um “eu” ampliado (gerado por exemplo, a partir da soma de um “eu” com um “tu” e um “ele”, ou da junção de um “eu” com um “tu”, ou apenas da soma de um “eu” com um “eles”) (Benveniste, 1995). Sendo assim, chega-se ao entendimento de que uma rede nunca é composta por somente um “eu”, mas múltiplos, que entrelaçados formam o(s) “nós”. Seguindo por este caminho, pode-se analisar outro excerto retirado da entrevista de Pereira que representa o IHGSC e a ACL como locais onde projetos intelectuais são idealizados e gestados:

Então a gente tinha uma convivência muito rica e diria mais que rica, produtiva. Porque quando eu ia lá ou quando a gente se encontrava, na ACL ou IHGSC, com o Jali muitas vezes presente também, a gente trocava ideia, surgiu esse livro, surgiu esse livro grosso sobre Florianópolis. (Moacir Pereira, 2019).¹⁵

Ora, não seria a possibilidade de atar “nós” uma das importâncias e motivações primordiais de estar presente, de fazer parte de uma rede? Essa é a “missão” da rede: nada é facilmente tecido sem que as diversas linhas estejam atadas em “nós”. Na relação estabelecida com os “outros”, nosso “eu” sempre se modifica, não somos “eu” sem o “nós”, ou melhor: somos, a um só tempo, *eu e nós* (o “eu” e o “não eu”) (Benveniste, 1995, p. 252). A partir dessa perspectiva, se percebe que é na entrevista de Pereira que a circulação por diversos espaços e o entrelaçamento desses personagens se apresenta de maneira mais contundente:

O Jali Meirinho também entrou muito na minha vida por que o Jali Meirinho, ele era diretor de jornalismo da Rádio SC, e eu trabalhava numa

¹⁵ Ele se refere à obra *História de Florianópolis Ilustrada* (2004), de autoria de Carlos Humberto Pederneiras Corrêa.

rádio pequenininha daqui, a rádio Anita Garibaldi. Foi onde eu comecei o jornalismo. Mas eu sempre fui muito metido, eu não me contentava em fazer aquele trabalho. Eu fazia rádio escuta, algo que não existe há muito tempo. Mas às vezes tinha um furo na radiofonia e eu ia lá pra fazer uns bicos. Eles gostaram da minha presença. Um dia houve a transmissão de um campeonato nacional de motonáutica, primeira vez aqui, no Veleiros [clube]. Ai eu fiz pela primeira vez em Florianópolis uma transmissão ao vivo, naquela época telefone era uma coisa complicada e tal. Isso deu repercussão e por causa disso o Jali Meirinho me convidou pra trabalhar na Rádio SC. Foi uma experiência muito legal também. Ali eu conheci o Jali e passei a conviver com ele também na Associação [Catarinense de Imprensa], ele frequentava também a nossa entidade. A partir do Jali eu me aproximei do [Carlos Humberto Pederneiras Corrêa] ... até hoje eu sou grande amigo do Jali, eu sou um grande admirador dele, ele também é uma pessoa espetacular. (Moacir Pereira, 2019).

A UFSC era, portanto, como um espaço de junção para esses “nós”, embora ainda em ocupação, que reproduzia alguns dos laços anteriormente estabelecidos em outros espaços e que não congregava todos os integrantes dessa rede de intelectuais:

Eu tive contato com o Jaldyr, por que eu fui professor de ‘Estudo dos Problemas Brasileiros [EPB]’ lá na Universidade [Federal de Santa Catarina] e ele era o coordenador da disciplina. Tinha até um departamento na área de geociências. Então eu trabalhei com ele, setenta [ano de 1970] eu comecei lá. Eu era muito novinho, tinha 24 [anos] em [19]70. (Moacir Pereira, 2019).

Mais à frente, nessa mesma entrevista, Pereira fala sobre a sua relação com Jaldyr Behring e o delicado tema da atuação deste último como professor na universidade, dada a sua condição de oficial militar, em momento que coincidiu com o período de ditadura no Brasil. Vale, nesse sentido, apontar a tentativa de apagamento da atuação de Jaldyr como parte integrante no próprio processo que estabeleceu o ensino da disciplina “Estudo dos Problemas Brasileiros (EPB)” nas universidades espalhadas pelo país: o governo militar, a partir do Decreto-Lei nº 869/69, instituiu “em caráter obrigatório, como disciplina e, também, como prática educativa, a “Educação Moral e Cívica” nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no país”.¹⁶ Processo que nas universidades

¹⁶ Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969. Disponível: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1960-1969/decreto-lei-869-12-setembro-1969-375468-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

se dá a partir da inclusão da disciplina “Estudos dos Problemas Brasileiros” aos currículos de todos os cursos de graduação (na UFSC tal inserção é realizada no ano de 1969):¹⁷

Mas era uma pessoa extremamente voltada para a educação [Jaldyr Behring], foi Secretário Estadual de Educação. E as pessoas achavam, principalmente o pessoa de esquerda, que ele era secretário de educação por que tinha sido imposta pelo governo militar, ditadura. Negativo, o Ivo Silveira escolheu por que ele já era um professor com bom renome, um cara ligado, gostava de educação. E lá no nosso departamento, eu trabalhei lá, então eu vou te dizer já: durante cinco anos dando ‘EPB’, e no ‘EPB’ depois acabei dando na Comunicação [curso de Jornalismo]. Fiz EPB e Comunicação. Depois eu dei início a criação do curso na universidade [curso de Jornalismo] e depois eu só acabei dando aula de Comunicação. Depois “Legislação na Comunicação”. Então eu convivi com o Jaldyr mais ou menos cinco anos. (Moacir Pereira, 2019).

Mais uma vez, segundo os depoimentos, nota-se que, apesar de todos esses personagens serem contemporâneos, não é somente a partir da universidade que esses laços parecem se consolidar. Embora passassem pela UFSC, esses homens aparentam ainda carregar a insígnia da sua aproximação com instâncias do poder político e de instituições mais antigas (IHGSC e ACL) que continuaram se materializando como *locus* privilegiados de encontros intelectuais. Dessa forma, compreende-se que a UFSC não se torna um espaço exclusivo de atuação deles e, sim, *mais* um espaço de ação.

Por esse ângulo, é curioso perceber que com a expansão da universidade, em especial no quadro das Ciências Humanas, se desenvolve um movimento que aos poucos vai forçando uma desocupação do espaço universitário por parte desses primeiros grupos de professores. Esse movimento se desenrola de maneira mais clara com a chegada de novos atores nesse panorama. No caso do curso de História, por exemplo, os novos personagens que entram em cena buscam promover o isolamento de protagonistas mais antigos, sendo uma das motivações para esse isolamento a própria vinculação desses “antigos” com instituições mais “tradicionais”, das quais esse novo grupo que se formava desejava se distanciar. Como aponta Gonçalves (2006), a partir de 1990, diversos professores que atuaram junto ao estabelecimento do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC (durante as décadas de 1960 e 1970) se

¹⁷ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Boletim do Pessoal. Florianópolis, v. 3, n. 27, 1969, p. 23-25.

afastaram da instituição dando lugar a outros pesquisadores, interessados também em novas temáticas, voltadas especialmente à História Cultural, que seria adotada como área de concentração do Programa de Doutorado em História da UFSC, inaugurado em 1998.

A chegada desses novos nomes e os resquícios de uma reação relacionada ao isolamento ao qual esse grupo de “pioneiros” foi submetido aparece até mesmo na entrevista que Corrêa cede ao pesquisador Ricardo Santhiago (2015, p. 236-237):

RS – Depois que o senhor se afastou um pouco mais da história oral, deixou essa preocupação mais sistemática, como ficou a história oral na UFSC?

CHPC – Olha, eu acho que ela não é ensinada. A metodologia não é ensinada. A história oral começou a ser usada da mesma maneira como foi em todo o Brasil: não estão preocupados com a metodologia de entrevista nenhuma. É “vamos pegar o gravador e vamos falar com o sujeito” – quando existe isso. Por exemplo, eu tive notícias que, aqui, a História de Santa Catarina acabou depois que nós nos aposentamos da universidade. Mas ela continuava no currículo. Então, a História de Santa Catarina era dada [assim]: o professor pegava um ônibus aqui, com os alunos, ia até Chapecó, lá entrevistavam o bispo da cidade, que foi o “criador dos Sem Terra”, Dom José, e pronto. Aquilo era o curso, a História de Santa Catarina. E hoje não sei se alguém faz. Realmente não sei se alguém faz! Afinal de contas eu saí de lá em 1991, aposentado depois de trinta anos de casa, e não tenho vontade nenhuma de voltar lá. [Risos]. Não tenho vontade nenhuma!

RS – Nem de se informar sobre o que acontece?

CHPC – Nem de me informar do que acontece. Não, porque eu chego lá e ninguém me conhece e eu também não conheço ninguém. A maioria do pessoal de lá não é catarinense, porque houve uma invasão de gaúchos muito grande aqui, professores especialmente. O pessoal que a gente formou saiu de lá e foi trabalhar na Udesc, na Universidade do Estado. Então hoje, nós, do Instituto Histórico, temos uma relação maior com a Udesc do que com a Universidade Federal, [da qual] todos nós saímos como professores.

Apesar do tema principal do excerto acima ser o desenvolvimento da História Oral na UFSC, é possível entrever nas palavras de Corrêa o progressivo afastamento do historiador em relação à instituição e a sensação de desconforto que gerava nele a chegada de novos atores em cena.

Por meio dessas falas, entende-se que podem ser vislumbrados indícios de

diferentes percursos, errâncias por entre diferentes instituições, que permitem a construção de uma cartografia de locais, espaços de formulação de projetos e práticas de sociabilidades intelectuais que tangenciaram a formação da primeira universidade federal do estado de Santa Catarina. Aqui, “nós” “viajamos” por estes espaços e nossos interlocutores também, pois como coloca Certeau (2009, p. 183): “Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço”.

Considerações finais

Ao longo do trabalho, foi possível apreender que, apesar de os nomes citados serem de gerações diferentes, eles possuíam interesses em comum e pertenciam a redes de sociabilidade coincidentes. Notou-se ainda, de uma maneira geral, que não foi a partir da atuação coetânea nos espaços da UFSC que os vínculos entre uma maioria se estreitaram; seus projetos e seus laços intelectuais parecem ter se desenvolvidos e fortalecidos com maior ênfase a partir de outros locais. Aparentemente, um processo que ecoou em uma universidade que ainda se estabelecia, se expandia e que pouco a pouco congregava personagens vindos de outros lugares do país.

Outros elementos também parecem significantes para pensar esse cenário: logo após a mudança de endereço da universidade, as três áreas do conhecimento às quais os intelectuais aqui citados se vinculavam – Geografia, História e Letras – estavam reunidas em um mesmo lugar, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Em 1979, com a chegada de novos cursos à UFSC e pela necessidade de criar novos espaços administrativos e de ensino, os cursos de História e Geografia foram realocados para o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), ficando “separados” do curso de Letras que foi fixado no Centro de Comunicação e Expressão (CCE) – em uma configuração que permanece até hoje. Ao observarmos esse panorama, pode-se conjecturar que as redes de sociabilidade associadas a círculos intelectuais mais restritos como os da ACL e do IHGSC – seja pelo menor número de participantes, seja pela maior definição dos interesses em comum desses participantes – parecem ter favorecido o encontro deles entre os seus “iguais”. Entende-se que tais encontros nos espaços da universidade se davam de maneira mais difusa, pois mesmo ainda sendo fisicamente pequena em relação a dimensão que tem hoje, ela congregava pouco a pouco novos elementos que possuíam outros ideais e projetos que entravam em choque com aqueles que compartilhava o grupo aqui observado.

Finalmente, é relevante destacar como as entrevistas de História Oral cotejadas a outras fontes possibilitaram o descortinar de indícios no sentido de compreender

os espaços habitados por esses homens, oferecendo olhares para além daqueles que os projetos escritos e grafados em papel permitiram entreolhar. Ao mostrar alguns dos percursos trilhados por esses homens, essas narrativas de rememoração, relativas ao cotidiano vivido por esses intelectuais, permitiram perceber que as redes de sociabilidade que estavam formadas dentro da universidade eram uma herança de “nós” atados anteriormente em outros espaços, tais quais a ACL, o IHGSC e os próprios órgãos governamentais estaduais. Sendo assim, a UFSC era um local que se integrava a um “circuito” já existente, ou seja, era tanto mais um espaço *a ser* habitado por esses personagens, da mesma forma que era um projeto que se congregava aos tantos outros que estavam em pauta naquele momento.

Referências

AGULHON, Maurice. *La Cercle dans la France Bourgeoise 1810-1848: étude d'une mutation de sociabilité*. Paris: Librairie Armand Colin, 1977.

_____. Visão dos Bastidores. In: CHAUNU, Pierre *et al* (Org.). *Ensaio de ego-história*. Lisboa: Editora 70, 1987. p. 13-62.

_____. La sociabilidad como categoria histórica. In: PEREIRA, Teresa (Org.) *Formas de sociabilidad en Chile 1840-1940*. Santiago: Fundação Mario Góngora, 1992. p. 1-10.

_____; BODIGUEL, Maryvonne. *Les Associations au village*. Arles: Actes Sud, 1981.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995.

CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Edição e Sociabilidades Intelectuais*. Belo Horizonte: Autêntica; Editora UFMG, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

GARCIA JUNIOR, Edgar. *Práticas regionalizadoras e o mosaico cultural catarinense*. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, SC, 2002.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *Essa gente do rio: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

_____. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

GONÇALVES, Janice. *Sombrios umbrais a transpor: arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX*. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, SP, 2006.

JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. *Catarinensismos*. Florianópolis: UDESC/EDEME, 1974.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Artífices do futuro: cultura política e a invenção do tempo presente de Florianópolis (1950-1980)*. Florianópolis: Insular, 2016.

NECKEL, Roselane; KÜCHLER, Alita Diana Corrêa. (Org.). *UFSC 50 anos: trajetórias e desafios*. Florianópolis: UFSC, 2010.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 103-130.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2008.

SANTHIAGO, Ricardo. Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, um pioneiro da história oral no Brasil. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 221-239, jan./jun. 2015.

SAYÃO, Thiago Juliano. *Nas veredas do folclore: leituras sobre política cultural e identidade em Santa Catarina (1948-1975)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, SC, 2004.

SCHÜTZ, Karla Simone Willemann. *Lembranças revisitadas: o laboratório de História Oral da UFSC e as entrevistas de Simão Willemann - memória e História Oral em Santa Catarina (1975-2013)*. Dissertação (Mestrado em História do Tempo Presente) – UDESC, Florianópolis, SC, 2015.

SERPA, Élio Cantalício. A identidade catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 14, n. 20, p. 63-79, 1996.

SILVA, Cristiani Bereta; CUNHA, Maria Teresa Santos. Historiografia catarinense e a escrita da história escolar de Lucas Alexandre Boiteux no início do século XX. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 551-568, mai./ago. 2015.

SUGAI, Maria Inês. *As intervenções viárias e a transformação do espaço urbano: a via de contorno norte-ilha*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – FAU, USP, São Paulo, SP, 1994.

Fontes orais

MEIRINHO, Jali [85 anos]. [ago. 2018]. Entrevistadora: Karla Simone Willemann Schütz. Florianópolis, SC, 10 ago. 2018.

PEREIRA, Moacir [74 anos]. [abr. 2019] Entrevistadora: Karla Simone Willemann Schütz. Florianópolis, SC, 24 abr. 2019.

SACHET, Celestino [88 anos]. [set. 2018] Entrevistadora: Karla Simone Willemann Schütz. Florianópolis, SC, 11 set. 2018.

Resumo: Este artigo pretende realizar uma breve reflexão acerca da constituição de redes de sociabilidade intelectual que tangenciaram a formação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tomando como laboratório um grupo de intelectuais vinculados à área das ciências humanas. Ao longo do percurso analítico buscou-se perscrutar as diferentes e novas formas de sociabilidade estabelecidas a partir da UFSC e a reverberação delas na consolidação de redes já existentes e na promoção dos projetos a elas subjacentes. O arcabouço documental utilizado conta com fontes escritas e orais e a base teórica está alicerçada em trabalhos que se valem do diálogo entre memória e história, bem como, da reflexão acerca das diversas práticas e espaços de sociabilidade.

Palavras-chave: Historia Oral. Intelectuais. Sociabilidades. UFSC.

Between projects and inhabited spaces: intellectual sociability, human sciences and the Federal University of Santa Catarina (1960s-2000s)

Abstract: This article intends to make a brief reflection about the constitution of intellectual sociability networks related to the establishment of the Federal University of Santa Catarina (UFSC), taking as a laboratory a group of intellectuals linked to the human sciences area. Throughout the analytical process, we sought to investigate the different and new forms of sociability created from UFSC and their reverberation in the strengthening of existing networks and in the promotion of the projects that underlie it. The sources used are composed of written and oral documents and the theoretical basis is supported by works that used the dialogue between memory and history, as well as works that raised reflections on the various practices and spaces of sociability.

Keywords: Oral History. Intellectuals. Sociabilities. UFSC.

Recebido em 05/03/20

Aprovado em 21/05/20